



Portuenses distintas: MADEMOISELLE PAULINA OWEN (Cliché Alvão)

Segunda série - N.º 452

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 19 de Outubro de 1914

Director: J. J. DA SILVA GRACA
 Propriedade de J. J. DA SILVA GRACA, L.D.A.
 Editor: José Joubert Chaves

Redacção, administração, offe. de composição
 e impressão: RUA DO SEculo, 43

Edição semanal do jornal
O SEculo

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
 PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Trimestre...	1820 cdbL	Numero avulso
Semestre...	2840	10 centavos
Ano.....	4880	

Agencia da ILUSTRACÃO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 8

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—Escritorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princesa, 276 PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Enaereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**
Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

CAPITAL

Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação	266.400\$000
Reis	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobrerinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—Escritorios e depositos:

TELEPH. 2638
PERFUMARIA N.º 2638
ROSA D'OURO
COLOSAL SORTIMENTO
Rua de Ours, 281 JOAQUIM N. ALVES
LISBOA

Ouro a peso vende
Barateiro PIMENTA

R. DA PALMA, 2, esquina

Colegio Nacional
SANTAREM

Intercio de 1.ª classe para meninas. Professores es-
trangeiras, piano, canto, pintura, arte applicada, etc., etc.

SELLOS DE CORREIO
CATALOGO GRATIS E FRANCO.
Remettam-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

A' VENDA

Almanaque illustrado d'O SEculo
PARA 1915



Uma das officinas
VENDAS A RETALHO

PLANTAI
AS NOSSAS ARVORES
E
COLHEREIS OS MELHORES FRUTOS
MOREIRA DA SILVA & FILHOS
HORTICULTORES
5 RUA DO TRIUNFO-5
PORTO
CATALOGOS GRATIS

Perfumaria
Balsemão
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre—PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

Sabonele preparado
com os saes das Aguas
de **Vizella**
o melhor para a pelle

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 452

19 — 10 — 1914

A peste e a guerra

O espectro da peste bubonica, que ha alguns anos surgiu no Porto e que ainda em 1910 dera em Lisboa uma pequena serie de casos conhecidos por «epidemia da Alfama»,—apareceu de novo n'uma viela da Ajuda — a travessa das Dóres. Foram ver-



rificados cinco casos mortaes, revestindo a peste, d'esta vez, a forma pneumonica, fulminante. As medidas de profilaxia adotadas— isolamento dos suspeitos e desinfecção dos locais — dominaram rapidamente a situação. Entretanto, Lisboa, na dupla preocupação do contagio pestifero e da artilharia alemã, passou dez longos dias entre duas ameaças igualmente formidaveis: um obuz de 42,—e um rato.

Domenico Ferrata

O cardeal Domenico Ferrata, que Benedito XV nomeára secretario de Estado do Vaticano, acaba de falecer em Roma. Sucedeu-lhe no alto cargo da curia outro purpurado eminente, Pedro Gasparri. Ferrata, que fôra nuncio em Bruxelas e em Paris, fazendo uma politica rasgadamente liberal e alheia a quaesquer interesses dinasticos, manteve-se sempre, depois de receber o barrete de cardeal, um francofilo fervoroso. A convulsão das ultimas atrocidades alemãs abalou a sua velhice debil e cançada. Dir-se-ia que o mesmo vento de devastação que destruiu para sempre a maravilhosa cathedral de Reims, foi apagar ainda, lá baixo, na sua pequenina alcôva do Vaticano, a pobre alma ingenua e resplandecente de Domenico Ferrata.



A explosão

Foi tragica a ultima semana de Lisboa. Uma horrivel explosão fez deseseis viti-mas e encheu de feridos as camas dos hospitaes. O que houve de mais pungente n'esse desastre, não foi a caricatura hedionda dos cadaveres carbonizados; foram as pequenas tragedias obscuras surgidas aqui e ali em cada leito de enfermaria. Não se esquece a agonia d'aqule desgraçado que, uivando de dóres, a face coberta d'uma mascara felpuda, perguntava a toda a gente se estava ou não cego; não se esquece o drama d'aquela pobre rapariguita cheia de frescura e de encanto, que ia casar d'ai a dois dias, e a quem o fogo devorou, com a ultima illusão de beleza, a ultima esperança de fidelidade.



A Galiza

Alguns jornaes hespanhoes, comentando certo discurso do ministro inglez Churchill, referem-se a pretendidas ambições portuguezas sobre a Galiza. E', decerto, uma *blague* de jornalista sem assunto. Portugal, se alguma coisa deseja, é o estreitamento, cada vez mais intimo, das relações entre os dois paizes irmãos, — sobre a dupla base dos interesses reciprocos e do respeito comum. E' ao que se reduz o nosso imperialismo. Conquistara Galiza? Muito pelo contrario. Com tanto galego, honesto e pacifico, que inunda essa Lisboa,—foi a Galiza que nos conquistou a nós...



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).

SANTA CRUZ

(CONTO REGIONAL)

Maio é a apoteose luminosa da flor. Os campos cantam estrofes de luz na corola rubra das papoulas e nos avivores palidos dos lírios.

Os trigos aloiram na terra fecundante aos beijos criadores de um sol voluptuoso. Toda a natureza é uma imensa epopeia de paganismo, tão dominadora e enervante, que até o próprio cristianismo lhe cae nos braços lubricos tecidos em grinaldas e perlandas das lagrimas do céu.

Santa Cruz... Santa Cruz. O madeiro suplicante do Golgotha a florir em rosas, cravos e «malmequeres». O símbolo lugubre do grande sacrificio a presidir a uma fardandola alacre de risos moços e olhares enamorados!

Pois é uma festa tradicional em muitas terras alemtejanas. Aqui, n'esta provincia, onde o sol tem lufadas de forja colossal e amorenna a frente linda das raparigas nas carcias vermelhas de um amor de fogo, o dia 3 de maio tem, por varias vilas e aldeias, a consagração festiva de um culto pitorescamente regional. E é um dramático episodio passionnal desenrolado ante a cruz florida, que eu, singelamente, em toda a sua grandeza rustica, lhes vou contar.

Manhã cedo, mal o sol doirava a casaria branca da aldeia, e quando os ninhos entoavam matinaidas gorgeantes e frescas, Marianita, a Rosa e a Maria da Luz caminhavam estrada em fóra, n'um pequeno rancho alegre, a rir de juventude e graça. E nas encostas loiras das colinas ia quebrar-se a canção sentida d'aquelas trez almas moças, modulada no ritmo lento de nma prece religiosa:

O' Santa Cruz... Santa Cruz,
Santa Cruz do meu altar;
No dia da Santa Cruz
E' que me quero casar...

—Vamos ás rosas, ali, ao barranco dos Freixos? —disse a Maria da Luz, apontando para um apertado vale coberto de verdura, onde as roseiras se abriam em cachos floridos de beleza e de côr.

—Pois vamos, Maria—responderam as ranarigas.

—E ha lá tantas e tão bonitas—afirmou a Marianita, e, antecedendo as companheiras, largou a estrada e meteu-se por um pequeno carreiro em declive até ao barranco, Rosa e Maria da Luz seguiram-n'a a curta distancia, e n'um momento estavam as trez moças entre os freixos que olravam o curso d'agua, as mãos a perderem-se entre a folhagem verde das roseiras, na colheita azafamada das rosas silvestres.

—Olha que lindos «malmequeres», Mariana... Vou levar um «punhado» d'eles...

—Deixa lá, Rosa, colhe antes flores de «loendro»... são mais bonitas e vistosas.

—Levo uma coisa e outra... é para deitar no altar—redarguiu a Rosa, curvada sobre um monte de «malmequeres» que as suas mãos trigueiras iam ceifando impiedosamente.

Eh! raparigas! gritou uma voz forte.

—Olha o Manuel, Mariana—diz a Rosa, e apon-

tava para um rapaz que na estrada parára a sorrir para o grupo das ceifeiras de flores.

—Que vens tu cá fazer?—interrogou, n'uma acen-tuação desabrida, a Marianita...

—Venho ajudal-as no trabalho, se querem—respondeu o rapaz descendo a vereda que conduzia ao barranco.

—Eu cá dispenso... vae andando... vae andando—replicou a Marianita com modos bruscos.

—Bem... lá por isso não vale zangar; vocês não querem... melhor—e o rapaz vo'tava as costas, dirigindo-se para a estrada n'um passo lento e arrastado.

—Coitado do Manuel... tenho pena d'ele... p'ra que é que tu o trataste assim, Mariana?—perguntou a Maria da Luz, enquanto ia ligando com um fio de junco, um grande ramo de rosas.

—O' Maria, tu bem sabes... então não anda o diabo do moço com a cisma de me querer namorar?!—replicou a Marianita.

—Mas não o trates assim... Olha o pobre, como vae triste—disse com sensível pezar a Maria da Luz.

—Eu cá por mim não lhe quero mal... mas é que o Antonio já anda desconfiado, e tenho medo de alguma desgraça...

—Ora logo o Antonio é tão parvo que vae ter ciumes do «Manel» afirmou a Rosa, a sorrir de ironia. E Mariana fitava o rapaz que no cimo do carreiro não se atrevia a seguir a estrada, o olhar preso no grupo das raparigas, como n'uma supplica de compaixão.

—O' Manuel... anda cá, homem, bradoulhe a Mariana, um pouco compadecida da tristeza do moço. O Manuel desceu rapido, o rosto iluminado d'um clarão de alegria como se as frases bruscas de Mariana não lhe houvessem vergastado a alma n'uma chicotada de desprezo.

—Vou apanhar «verduras», queres?... ali ao pé

d'aquela moita ha muita, e antes que a rapariga lhe houvesse respondido, já ele se embrenhava por entre os freixos a arrancar os ramos folhados dos arbustos. A tarefa acabava d'ai a pouco, e os quatro volviam a caminho da aldeia, elas com enormes bracos de flores, e ele, o pobre Manuel, ao lado de Marianita com um grosso «molho de verdura». Riam, cantavam e faziam descrições vivas e animadas da festa d'aquela dia em casa da Marianita. O baile comecaria logo de tarde, e só havia de terminar ao sol nascido do outro dia. N'uma curva da estrada apareceu um rapaz alto, loiro, olhos azulados, entredito a fazer um cigarro.

—O Antonio, Mariana! disse a Rosa, mal o viu.

—Ele bem me dizia que havia de vir, acrescentou a Marianita, risonha e satisfeita, e chamou o namorado; quando ele chegou ao pé do grupo, arguido de preguiçoso, por se não ter levantado mais cedo, como ela e as companheiras haviam feito.

—E tu que vieses fazer? interrompeu, mal humorado, o Antonio.

—Já tu estás ás voltas com o rapaz... Deixa-o lá... veio fazer o que tu devias ter feito, grande



mandrião, disse-lhe a Marianita, antes que o Manuel pudesse responder à pergunta desabrida do outro.

—Pois gira... não fazes cá falta, e arrancou-lhe brutalmente o molhó de verdura.

—Eh! Antonio... que raio de genio!... disse Maria da Luz, n'uma atitude de reprovação.

—Olha o grande mal que o moço fez, acrescentou a Rosa.

—Amódos que eu vou desconfiando cá d'uma coisa, Mariana... mas livre-se ele de pensar n'isso, senão...

—Ora deixa-te de tolices, Antonio... até me ofendes...

—'stá bem, mas se eu gosto tanto de ti... que até tenho ciúmes do sol...

E encaminharam-se para a entrada da aldeia. A casa de Marianita ficava próximo. O grupo dirigiu-se para lá n'uma alegria de mocidade foliã, como se aquela nuvem escura não tivesse manchado por momentos a aurora de um dia de festa e folgado. O Manuel ficara na curva da estrada. Timido e irresoluto, não se atrevera a replicar ao namorado de Marianita e sofrera o vexame sem um movimento, sequer uma palavra de reação.

Viu-as afastar em direção a casa de Mariana; n'esse instante umas lágrimas assomaram-lhe aos olhos, e a garganta apertava-se n'um nó constritivo. Sentou-se n'um pequeno monte de pedras e, com a cabeça entre as mãos, chorou. Aos ouvidos chegaram-lhe ainda n'uma rajada sarcástica as gargalhadas moças do grupo ao entrar em casa de Marianita.

* * *

Ao cair da tarde, na casa grande da habitação de Marianita, onde as folhas verdes espalhadas cobriam a côr vermelha dos tijolos, erguia-se, ao fundo, um pequeno altar.

Sobre uma coberta escalete de ramagens, que se curvava em docel, deixando pender raminhos de flores, um crucifixo de rosas brancas emergia de uma grande floreira. Em volta muitas jarras e floreiras de côres vivas, pareciam graciosos vulcões floridos. Marianita, a Rosa, a Maria da Luz, a Ana da Horta e outras companheiras, andavam já na faina de acender as luzes. Dois velhos castiçais de vidro, ao lado da «Santa Cruz» e quatro ou cinco candieiros de metal amarelo de quatro bicos, por onde saíam as pontas das torcidas novas a pingar azeite, formavam uma fileira luminosa, em cima de uma tosca meza de pinho, cujo tampo estava tapado pela toalha de rendas, a faiscar de alvura, perfumadamente manchada de folhas de rosas e «malmequeres».

—Vá, despachem lá isso, disse o Zé Moleiro, assentado a um canto da casa, com o *harmonium* sobre as pernas e os dedos a correrem pelas teclas desafinadas.

—Olha Zé, a primeira a tocara ha de ser aquilo que aprendeste lá na tropa...

—'stá bem, Rosa, e o rapaz começou a modular no *harmonium* uma espécie de valsa hespanhola, viva e agitada...

—Essa, essa... que é boa e mexidinha, e a rapariga encetou um movimento de dança...

—O' Rosa, acende ali as velas dos castiçais... não tenhas tanta pressa... Já o baile devia estar começado... é noitinha, acentuou a Ana da Horta. A Rosa subiu a um banco, tirou as velas, acendeu-as na luz d'um dos candieiros e tornou a pô-las nos castiçais. Bateram à porta. Era o Antonio e um rancho de rapazes da aldeia. Vinham mesmo na altura,

afirmou-lhes a Marianita, porque estava tudo pronto e ia começar o baile. O Zé Moleiro atacou com arreganho a tal *valsa hespanhola* que fizera agitar n'um rodopio a Rosa, e os pares moços pulavam, riam e segredavam, enquanto à roda da casa, sentadas em anti-gas cadeiras de *buinho*, com os olhos húmidos de saudade, as velhotas da família das raparigas recordavam as *santas cruzes* dos seus remotos *bons tempos*.

A festa prolongou-se cheia de entusiasmo. Das valsas desafinadas do velho *harmonium* passaram ao tradicional baile de *roda* com cantigas ao desafio.

E a Marianita, que era boa cantadeira, provocava o Antonio, o namorado, em quadras, ora irônicas, ora sentimentais. O Antonio respondia. Mas o cantar seca a bôca, e nada melhor do que um bom copo de vinho. Era assim a opinião do Antonio com que os companheiros estavam de acordo. Saíram por uns momentos, o tempo apenas para chegar à taberna da tia Gertrudes e *molhar a palavra*, como eles diziam na sua pitoresca linguagem de aldeões alemtejanos. As raparigas não fizeram boa cara, mas eles convenceram-n'as de que voltavam n'um instante. E saíram, em rancho; as moças vieram até à porta da rua, e enquanto eles se dirigiam para a taberna, ficaram cantando, como prolongando n'um êco lento e suave, a última canção do baile. Junto à esquina onde a taberna da tia Gertrudes se abria n'uma porta pequena e estreita, estava um vulto. Notou-se um ligeiro rumor de palavras quando o Antonio e seus companheiros chegaram ao pé do desconhecido; mas o rancho folião entrou, e o vulto permaneceu. O tempo corria, e os rapazes não voltavam. A festa parecia ter-se mudado para a taberna, onde os descantes alternavam com os copos de vinho. Aborrecidas de esperar, as raparigas começaram a bailar umas com as outras. Só a Marianita continuava à porta. Prendia ali qualquer coisa de estranho e de misterioso.

—O' Mariana, anda bailar, disse a Rosa.

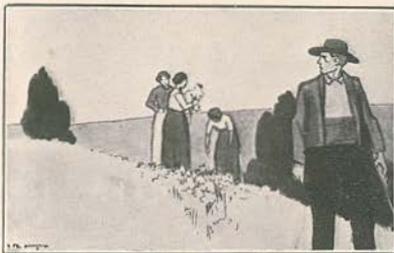
—Já vou... deixa vêr se eles veem...

—Só voltam quando estiverem a cair; e pra isto andou a gente com todo este trabalho, acrescentou a Ana, desesperada com a partida dos rapazes.

—Eles ali veem já, disse a Mariana depois de ter esperado ainda certo tempo, encostada à humberira da porta, e reparando que alguém saía da taberna. Mas, em vez de se encaminhar em direção à casa da *Santa Cruz*, torneou um pouco no sentido da esquerda e parou. De subito um grito doloroso, como uma rajada de desgraça, ecoou-lhe aos ouvidos presos de atenção à cena que se desenrolava na sombra da rua. E viu um dos rapazes correr, mas cambaleante, em direção à casa d'ela. Na corrida caiu-lhe o largo chapéu de feltro; e ao atravessar uma clareira de luar reconhecem-o logo. Era o Manuel. Teve n'esse instante a visão nítida do drama. Quasi a seguir o rapaz tombou-lhe aos pés, dizendo em voz apagada:

—Marianita... O Antonio matou-me.

Mariana curvou-se sobre o ferido; tinha manchas d'um vermelho escuro no fundo branco da camisa e nas mãos trigueiras, que apertavam o peito em contorções de dôr. Tremia como um vime agitado ao sopro de rija notada, mas conseguiu erguê-lo e fê-lo entrar em casa. As raparigas, na farandola da folia, não tinham tido conhecimento da tragedia. Ao vêr chegar o Manuel, curvado e tremulo, amparado por Mariana, o sangue a sair-lhe do lado do coração e a pingar em gotas rubras sobre a folha-



gem verde, embranqueceram, e a lingua ficou-lhes presa de terror.

— Quem te fez isso, Manuel? perguntou por fim, ainda a custo, uma das mulheres. O Manuel, cada vez mais palido, a esgotar-se em sangue, ia responder, quando á porta apareceu o Antonio vermelho e desvairedo, a bôca a contrair-se n'um ritus de odio, os olhos azulados a espelhar a febre da vingança que lhe invadia a alma rustica em catadupas homicidas.

Trazia na mão direita, salpicada de nodos vermelhas, a navalha tinta do sangue do pobre Manuel. Os companheiros seguiam-no, e n'aqueles rostos simples de rudes aldeões havia o vinco fundo da aza da desgraça. As mulheres correram para ele n'um alarido enorme, e procuravam arrancar-lhe a navalha.

— Deixem-me lá, berrou o namorado de Mariana, empurrando n'um gesto brusco duas velhotas que o cercavam, lamentando em lagrimas e exclamações a triste sorte de ambos. O olhar brilhava-lhe ainda mais intensamente, como que incendiado n'um facho de ciúme, ao vêr a Marianita lavar n'um carinho religioso as feridas do Manuel. E no seu cerebro inculto como uma charneca bravia, faiscavam relampagos de uma tempestade dolorosa. Era estranha a attitude de Mariana. Via-o e não corria para ele, e os cuidados iam para o Manuel, a vitima do seu odio ciumento. Fora um criminoso por eia, e via-a ainda a dispensar cuidados ao homem que ele quizera fazer desaparecer. Roia-o ha tempo o espinho do ciúme. Parecia-lhe a Marianita conversar demais com o Manuel. E aquele encontro da manhã, no barranco dos freixos fóra, por certo, combinação. Todo o dia essa obsessão lhe toldara o cerebro em nuvens negras de reflexos rubros. Entrou no baile, ainda a pensar no caso, e por mais que fizesse não o podia esquecer. Lembrou-se, então, de afogar no vinho o desgosto do coração.

Talvez assim lhe passasse, e poderia voltar ao baile alegre e bem disposto. Por isso propoz a visita á taberna da tia Gertrudes. Mas antes de chegar á taberna arrepiou-o um calafrio. Adivinhou, n'um vultu parado á esquina, o Manuel. Foi para ele, e perguntou-lhe o que estava ali fazendo; o outro respondeu-lhe de uma maneira misteriosa, suspeita. Mas os companheiros cortaram a conversa e levaram-no para a baiuca. Veio o primeiro copo e emborcou-o. Pareceu-lhe amargo como fel, depois outro, mais outro ainda até esquecer. Mas quanto mais bebia maior era a onda de odio, a subir, a subir, como torrente furiosa onde se sentia ir afundando. Não quiz mais vinho que lhe ofereciam. Caminhou para a porta já cambaleando; o ar fresco da noite deu-lhe um pouco de luzidez. Ao chegar á rua viu, de novo, o Manuel. Lá estava no mesmo sitio. Pareceu-lhe que o empurravam em direção a ele, e n'um momento ficou ao pé. Olhava-o duramente, enquanto o outro desviava os olhos e não dizia palavra. Sentiu o braço como que preso e levado para a cinta preta estreada n'esse dia. Sem saber como tinha a navalha na mão, e antes que o Manuel se desviasse, ao vêr a lamina, atirou-lhe duas navalhas em pleno peito. N'esse instante saíram os companheiros e correram a intervir. Era tarde. O Manuel ferido, a escorrer sangue, gemeu n'um grito agudo toda a

sua dôr, e com as mãos sobre o peito largou a fugir. O Antonio nada dizia; olhava todos n'uma fixidez estranha de cerebro enevoado. Os amigos quizeram tirar-lhe a navalha, mas ele n'um repêlão sacudiu-os e ameaçou-os. Então conseguiram, por bem, arrasta-lo até á casa de Marianita. Ainda tentaram, ao entrar, arrancar-lh'a, mas o Antonio tendo o braço ia ferindo o companheiro que o pretendia desarmar. Foi então que ele fez a sua tragica aparição na casa do baile. Esperava de Marianita uma palavra, um olhar, e via-a continuar na missão de enfermeira disvelada do ferido, já a sorrir para ela n'um tributo sincero de gratidão. Uma onda vermelha afiiu-lhe do coração á face, e correu para junto d'ambos. Mulheres e amigos interpuzeram-se; afastou-os violentamente, e pegando n'um braço da namorada intimou-a a largar o Manuel. N'um movimento brusco e rapido, a Marianita ergueu-se. Estavam, agora, face a face.

— Hei-de salva-lo, ouviuste... e não venhas cá com esses modos que não tenho modo.

— Deixa-o lá... que vá para casa... eu já lhe não faço mal, disse o Antonio procurando convence-la.

— Não sae d'aqui, porque eu não quero... eu é que o hei-de tratar... bem sabes que não tem mãe... coitado, e voltando-se para o Manuel perguntava-lhe se ficaria satisfeito.

— Oh! Marianita... só tu me podes dar a vida, e fixava os olhos humedecidos no olhar meigo da rapariga.

O Antonio tinha um sorriso mau a brilhar-lhe satanicamente nos labios secos, que mordida em trejeitos de raiva mal contida.

— D'aqui a uma semana já estás bom; tu verás como eu te curo, e a Mariana baixou-se sobre o rapaz procurando com o lenço estancar um fio de sangue que corria de uma das feridas. O Antonio viu-se cercado de uma nuvem rubra de odio e de ciúme; levantou o braço bruscamente e enterrou a navalha na espádua da rapariga; a Marianita ergueu-se n'uma convulsão dolorosa, mas caiu logo sobre o peito do Manuel.

— Anda, agora, cura-o, se és capaz, e o Antonio, que atirara á navalhada sem ninguem ter presenciado o golpe, era arrastado por todos no meio de um côro de lagrimas e imprecações.

O Manuel n'um esforço violento, sem cuidar de si, amparava Marianita, enquanto a velha mãe, angustiada, em soluços, correa para ela a gritar a sua desgraça. A Marianita, palida como um lirio, o sangue a manchar-lhe ás goliadas a blusa branca, virou o rosto para o grupo que rodeava o noivo e disse, a custo:— Não lhe façam mal... eu é que tive a culpa. E como o Antonio, agora, a olhava com espanto e surpresa acrescentou:— Sim, eu queria salva-lo para tu não ires *degraaado*... não conheste isto... Julgaste que já te não queia... Se era por amor de ti, Antonio... E a pobre rapariga tombou a cabeça no braço da mãe. N'esse momento umas folhas murchas das rosas de Santa Cruz caíram-lhe sobre os cabelos negros, desenrolados. As rosas soluçavam, em beijos perfumados, a despedida triste das suas almas ir máis.



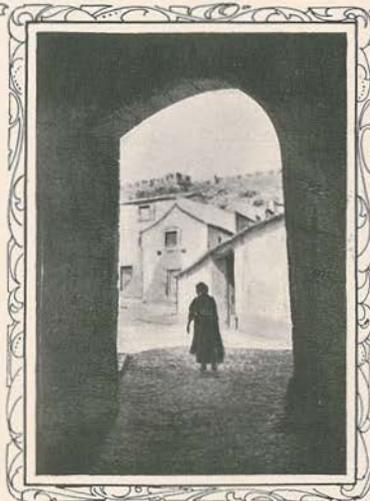
VICTOR MENDES.

Arredores das Caldas da Rainha

A vila das Caldas da Rainha, já pelo seu passado histórico, já pelas constantes curas das suas águas termais, ocupa um lugar preponderante no nosso paiz.

Não venho aqui hoje falar dos lindos parques que embelezam a vila, como o da Copa, a Mata, nem da disposição artística do seu povo, centro de industria ceramica de primeira ordem, onde o nome do grande artista Rafael Bordalo Pinheiro ficará gravado para sempre como uma gloria nacional; venho, sim, falar dos seus arredores, pois a vila das Caldas é um centro de turismo especial que temos obrigação de salientar.

Proxima da capital, pois está a tres horas de caminho de ferro, é situada em uma região verdejante, atravessada



Um arco na vila d'Obidos: Efeitos de luz

por diversas estradas que conduzem os forasteiros a sitios lindissimos como a Foz do Arêlho, bela praia onde se disfruta o pleno oceano, tendo junto as tranquilas águas da Lagôa de Obidos; S. Martinho do Porto com a sua linda bahia, cuja vilasinha situada na encosta de uma montanha, com as casas muito brancas sempre, formam uma tela encantadora; Obidos, vila curiosa, ostentando o historico castelo; cada canto d'essa vila possui uma linguagem de misterio e cada pedra uma pagina gloriosa da nossa historia; Leiria, Alcobaca, Batalha, Rio Maior, e outras menos importantes como Fanadia, S. Gregorio, Santa Catarina, Roliça, Columbeira, Avenal, Couto, Salir das Matas, Casal da Mata, Cabeça Alta,



2. Azinhaga de Santa Rita, ao cair da tarde—3. Um cruzeiro proximo da Roliça

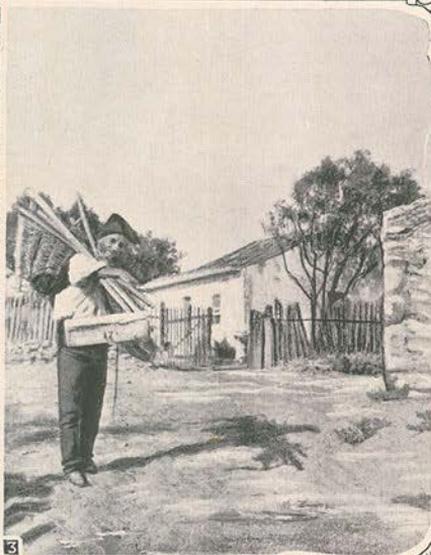
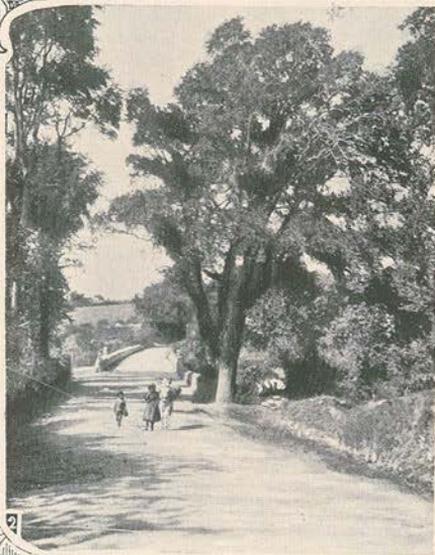
Gaciras, Vidaes, Masteiros, Alvorcinha, Nadadouro, etc., não contando com outras povoações mais distantes.

Quando nos embrenhamos por essas azinhagas e atalhos, assombrados por frondosas arvores, quando respiramos o belo ar dos pinhaes,



com as canções dos pastores nos vales floridos, é que podemos admirar toda esta região tão cheia de beleza, e cuja estetica nos toca tão comoventemente no nosso coração!

Nos arredores das Caldas, os campos de vinha, quando banhados pela luz do

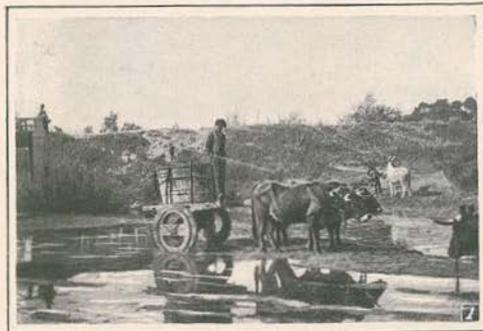


quando ouvimos o cantico melancolico das fontes, as melopeias sentimentaes das noras e dos moinhos, quando as campainhas do gado se misturam



sol, como acontece principalmente em setembro e em outubro, parecem permanecer durante as horas do dia, sob uma poeira dourada, e as

1. Estrada de S. Mamede e castelo d'Obidos ao longe—2. Avenal—3. «De volta da eira»: Foz do Arêlho—4. Junto à entrada d'Obidos

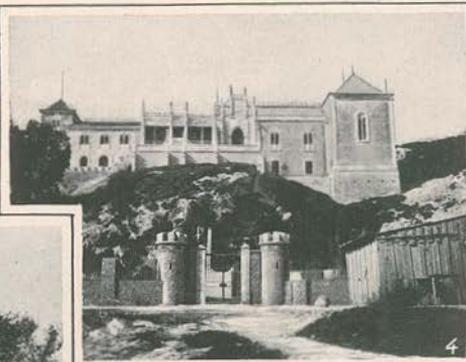


ribeiras estendem-se como fitas de prata nas linhas mais caprichosas da natureza.

A todos aconselho a que percorram esta região; toda ela reúne um conjunto de quadros campestres tão cheios de viço e frescura, que a nossa



1. Casas da Ponte
2. Um trecho da estrada para S. Martinho do Porto
3. Um trecho do pinhal



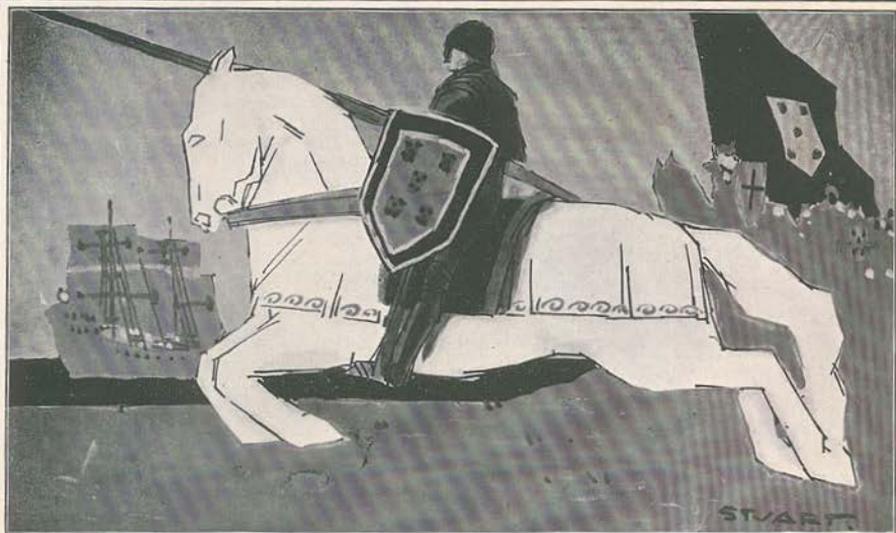
4. Casa do sr. Grandela na Foz do Arêlho



5. Sair dos Matos—(«Clichês» do autor)

alma vibra n'um crescendo de admiração, pois cada vila, aldeia ou casal é emoldurado por trechos de paisagem completamente diferentes em contrastes, mas todos eles incutindo no nosso sentir uma verdadeira sinfonia de cor e de luz!

ALFREDO PINTO (SACAVEM)



Sr. Artur Botelho

HINO À PÁTRIA

No momento solene que atravessas,
O' patria redimida,
Em que tentam os ímpios e traidores
Aniquilar-te a vida;
Escuta o canto humilde de um teu filho,
Proscrito do prazer,
Mas que livre nasceu, viveu e amou
E livre quer morrer.

A alma do teu povo, ardente outr'ora,
Sentia-se gelada;
Ao longe a historia, como o sol no ocaso,
N'um estertor lhe brada:
Desperta, ó raça heroica, do letargo,
D'essa inercia fatal;
Que o estrangeiro passe, mas não diga:
«Aqui foi Portugal!...»

E o brado ingente, perpassando, aquece
O peito dos teus filhos!
Uma aurora te esplende, um sol te inunda
De bençãos e de brilhos!
Tu já não eras mais que um raio frouxo
Das velhas tradições;
Mas hoje ergues a frente, e és mais um hino
Na vida das nações.

Tu, que tiveste a gloria de dobrar
O Cabo Tormentorio,
E de fundar nas Indias misteriosas
Tão colossal emporio,

Davas agora a imagem de um gigante
Exausto ao fim da luta,
Que quasi tomba... e o inimigo á espreita
O espolio lhe disputa.

O Tejo diga quantas naus trouxeram
As praias do Oriente
E do seio fecundo do Brazil
O ouro refulgente;
Diga quantos baixéis ás suas aguas
Atraia a riqueza,
Abandonando os portos tão famosos
Do Cairo e de Veneza!

Aos que hoje te deprimem diz n'um brado,
Do aito da tua gloria,
Que o seu grasnar maldito não sufoca
Um canto de vitoria;
Que a fuma que crepita do seu odio,
Com laivos de ironia,
E' fogo fatuo em campa solitaria
Ardendo á luz do dia.

Tu eras Prometeu acc'entado
A' rocha Despotismo!
Devorava-te o seio palpitante
O abutre Fanatismo!
Mas hoje, altiva, imenso vôo despedes
Cercada de esplendor;
Cantando uma epopeia indefinida
De liberdade e amor!

ARTUR BOTELHO.

FERIDOS DA GUERRA

Continúa a ser digno do maior lou-
vor o acolhimento feito por
todo o paiz á iniciativa do
Seculo, abrindo uma subscri-
ção em favor dos feridos da
guerra. Todos os dias chegam
generosos donativos em obje-
tos e dinheiro, acompanhados
de cartas lisongeiras para a
lembrança, que houve tambem
em Portugal, de acudir a
tantas centenas de milhar de
desgraçados que caem feridos
no campo de batalha. E' para
todos eles, sem dis-
tincção de nacionali-
dades, que o *Seculo*
abriu as suas columnas
á bondade compade-
cida dos seus leito-
res, que mais uma
vez demonstraram
que a sua bolsa é
inexgotavel quando
se trata de fazer o
bem.

Pobres e ricos, to-
dos tem contribuido
e continuam a contri-
buir dentro das suas
posses. A quantia

grande e a quantia pequena tem
igual significação, igual apre-
ço, n'esta grande obra cari-
tativa de solidariedade hu-
mana. Uma camisa, meia du-
zia de ligaduras, um lençol,
um pacote de fios, tem ás
vezes o valor moral de ru-
mas d'elles. E, segundo as
posses do que dá, e, em no-
me dos feridos, o *Seculo* tão
agradecido fica a uns, como
a outros.

Já são duas remessas im-
portantísimas que
faz o *Seculo*, por in-
termedio do illustre
ministro da França,
sr. Daeschner, á Cruz
Vermelha Franceza
para as distribuir pe-
los hospitaes e pos-
tos hospitalares, con-
forme as necessida-
des e a urgencia. E,
antes de serem empa-
cotados lençoes, col-
chas, cobertores, al-
pergatas, sapatos de
trança, ceroulas, ca-
misas, camisolas,



O centro do salão da «Ilustração Portuguesa»

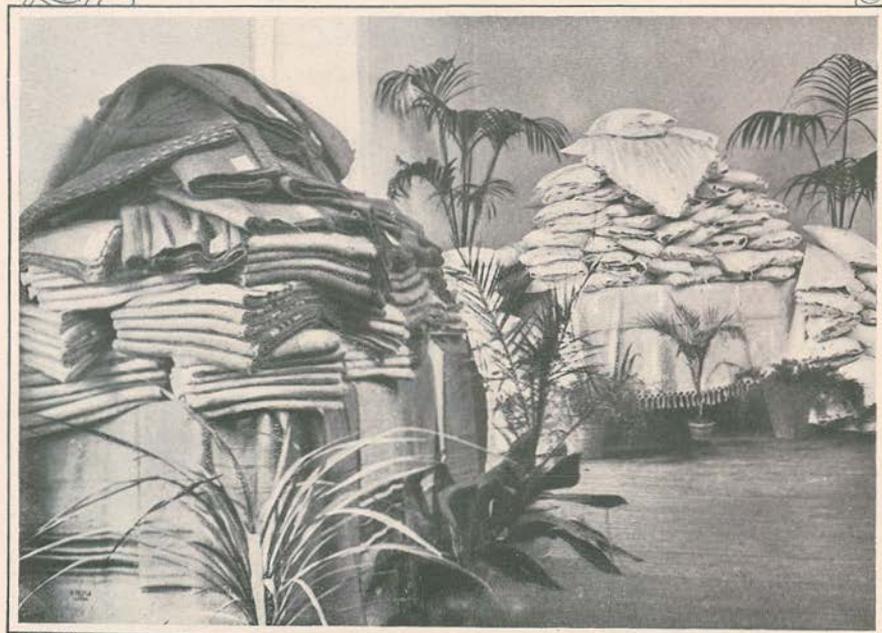


O sr. dr. Bernardino Machado ao meio, tendo á sua direita a sr.ª ministra da França e o primeiro secretario da
legação franceza e á esquerda) (s srs. ministro da França e Antonio Maria de Freitas — («Clíthes» de Benoit)



Ataduras, ligaduras, tampons, algodão hidrófilo e outros objetos para pensos

meias, lenços, almofadas, pacotes de algodão hidrófilo, ataduras, ligaduras, tampons, etc., o ilustre ministro tem-se dignado vir sempre com sua esposa vel-os minuciosamente, mostrando-se satisféitissimo pela fórma admiravel, por que o *Seculo* se desempenha do piedoso encargo que assumiu. Por ocasião da ultima visita dos ilustres ministros da França, também tivemos a honra de receber no salão da *Ilustração Portuguesa*, a visita do sr. dr. Bernardino Machado e de mr. Ramin, distinto primeiro secretario da legação de França.



Almofadas e cobertores de lã («Glíchês» de Benoillet).



1. O professor do curso sr. Gomes d'Oliveira e os seus alunos.

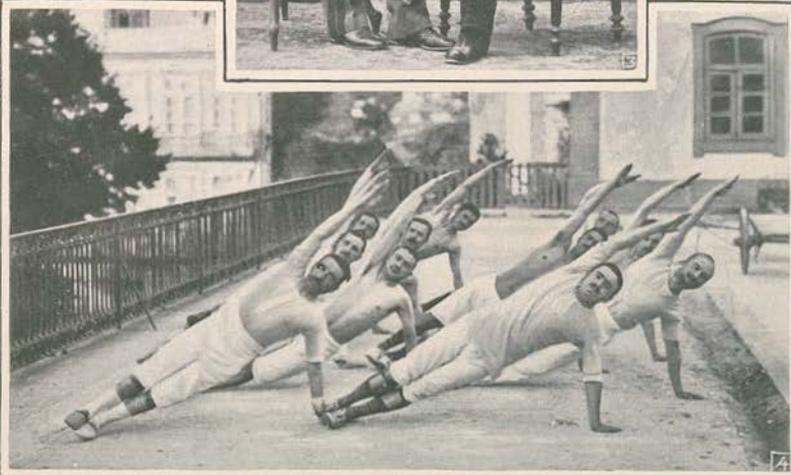
No quartel de infantaria 6, da guarnição do Porto, funcionou durante os mezes de junho, julho e agosto, um curso de preparação de officiaes para o ensino da ginastica sueca. Trata-se d'uma instituição eminentemente patriótica, organizada pelo ministerio da guerra, tendo em vista a educação fisica do soldado feita por officiaes combatentes.

O curso de infantaria 6, em que se inscreveram officiaes de todos os corpos da guarnição, foi regido pelo professor Gomes d'Oliveira, licenciado em educação fisica



pela Universidade de Gand. N'ele tomaram parte os seguinte officiaes:

Tenente Damião, do 3.º grupo de metralhadoras; tenente Carvalho, de artilharia; alferes Sousa Dias, de infantaria 18; tenente Castro, de metralhadoras; tenente Queiroz, de infantaria 31; alferes Frazão, de infantaria 6, 1.º tenente da armada Lemos Peixoto; alferes Moreira Borges, de cavalaria 9; capitão Gama Lobo, da guarda republicana; alferes Lelo, de infantaria 6; capitão Andrade, de infantaria 31.



2. Salto em torrente no plinto.—O alferes sr. Moura Borges, saltando.—3. Os professores do curso srs. tenente me dico Corteado Mena e Gomes d'Oliveira.—4. Uma fase da ginastica sueca.

Uma regata no Rio Douro

N'um dos últimos domingos, e com um sol esplendido, houve no rio Douro as regatas promovidas pelo Club Fluvial Portuense.

A assistencia foi numerosa, predominando principalmente as senhoras, e ven-



do-se o rio coalhado de embarcações, muitas das quaes empavezadas.

As corridas fizeram-se pela ordem seguinte:

1.^a — Escaleres a 4 remos, entre o «Neiva», do Club Fluvial Portuense, e o «Vouga», do Club Fluvial Vilacondense, ganhando o primeiro, tripulado pelos

srs. Alvaro Nascimento, Anibal Lyra, David Lyra, Manuel Silva e Pedro d'Oliveira.

2.^a — Escaleres a 4 remos (eliminatória) entre o «Vouga», do Club Fluvial Portuense, e o «Neiva», do Club Fluvial Espozendense, ganhando este ultimo, tripulado pelos srs. Valentim Fonseca Junior, Antonio Fonseca, Antonio de Sousa, Eduardo de Sousa e Firmino Loureiro.



1. Um aspêto do embarque—2. Club Fluvial Espozendense, detentor da taça da Camara Municipal do Porto



3. A lancha dos fiscaes da corrida

3.^a — Guigas a 4 remos, dedicada ao Club Fluvial Vilacondense, disputa da «Taça Rio Douro», pelo Club Fluvial Portuense, entre

«Diu», ganhando este, tripulado pelos srs. Antonio Brito, Mario Ramos e Antonio Faria.

6.^a — Canóas (patilha), dedicada á Marinha



Grupo de «sportsmens» que tomaram parte na regata

a «Aida» e «Dinora», ganhando esta, tripulada pelos srs. José Ferreira Gomes, João Barroso, Domingos Gil Conde, Antonio Pires de Castro e José Sousa Magalhães.

4.^a — Randers (singelos), dedicada ao Club Fluvial Espozense, pelo Club Fluvial Portuense, entre o «Ave» e o «Diu», ganhando o primeiro, tripulado pelos srs. Miguel Guimarães Junior, José Ferreira e Bento Ribeiro.

5.^a — Randers (doubles), dedicada á Associação Comercial do Porto, pelo mesmo Club, entre o «Ave» e o

portugueza, pelo Club Fluvial Portuense, entre a «Delia» e a «Cilia», ganhando a primeira, tripulada pelo sr. Antonio d'Oliveira,

7.^a — Escaleres de 4 remos, dedicada á Camara Municipal do Porto, disputa da Taça Camara Municipal

do Porto (pelos vencedores das eliminatórias), entre o «Vouga» e o «Neiva», ganhando este ultimo.

Os vencedores foram calorosamente ovacionados. Os premios foram distribuidos a bordo da fragata «Emilia». A' noite, na séde do Club, houve uma luzida *soirée*.



A distribuição de premios—(«Clichés» do distinto fotografo sr. Alvaro Martins)

A Europa em guerra



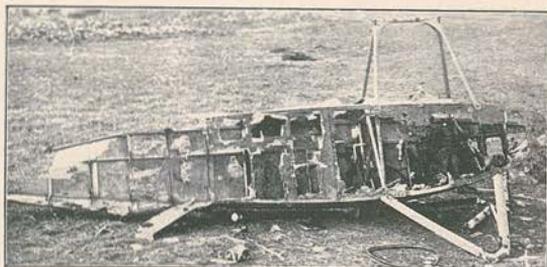
Pouco se tem modificado a situação dos beligerantes; mas esse pouco é reconhecidamente contra os alemães, que continuam a recuar, não sendo difícil acreditar que, á hora a que sae este numero da *Ilustração Portuguesa*, eles já estejam fóra da França, ou, pelo menos, repellidos até á fronteira.

A batalha do Marne, que se afigurava talvez a mais renhida e de linha mais extensa d'esta medonha luta, é, afinal, ainda inferior á do Aisne, sustentada estupidamente ha tantos dias e estendendo-se cada dia mais a sua linha. Devem ter-se ali batido cerca de tres milhões de homens e devem ter baqueado muitos milhares, não esquecendo as ruínas em que se converteram tão belas e florescentes povoações da França.

A Belgica está ameaçada de ser toda arrazada pelos ale-



Combate exasperado na defesa do Castelo de Mondemen (batalha do Marne).



Aparelho d'aviação alemã destruído pelos Ing. ezes.—(Cliché Chusseau-Flaviens).

mães em face da resistencia indomável dos seus heroicos soldados. Anvers depois de uma defesa heroica a auxiliada



pelos ingleses, caiu em poder dos alemães que lhe largaram fogo. A mesma sorte teve Antuerpia, parecendo que o fito unico do inimigo é destruir e desalojar para muito longe

os habitantes inermes que não morram vitimas da sua atrocidade!

Triste e desumano processo de conquista!

E para quê? Para que tão abominavel destruição de vidas, de fortunas de

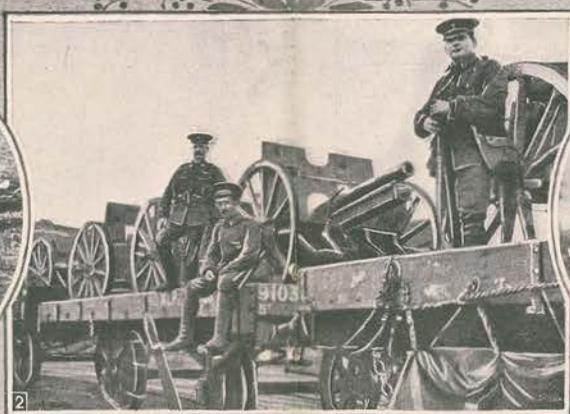
idades inteiras, se a victoria ha de ser dos

aliados, pela força das armas, como é já, no espirito de todos nós, pelo direito moderno dos povos sobre o louco resurgimento do imperialismo medieval?

Quando acabará esta imaginavel hecatombe, se de lado a lado do lado da justiça e do lado do despotismo—ha o protesto inflexivel de quemimar o ultimo cartucho, de sacrificar a ultima



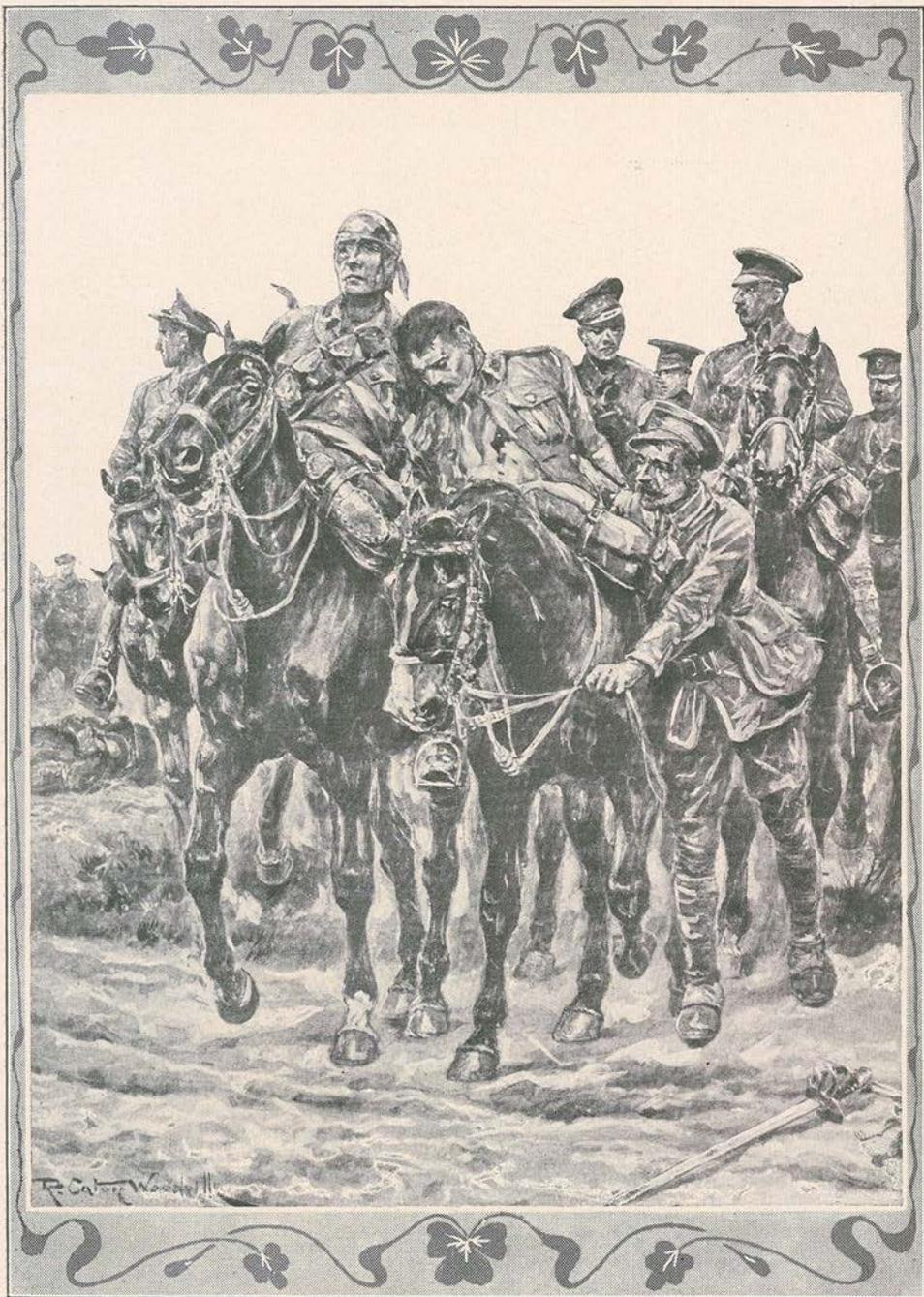
1. Bruxelas. — Um destacamento alemão no «boulevard» Au-pach.—2. Bruxelas.—O movimento diante da porta do governo militar.—(«Glicies» M. Branger).



1. Equipamentos deixados pelos alemães no campo.—2. Artilharia alemã tomada pelo regimento lugiez de Lincoln.—3. O efeito das balas nas arvores.



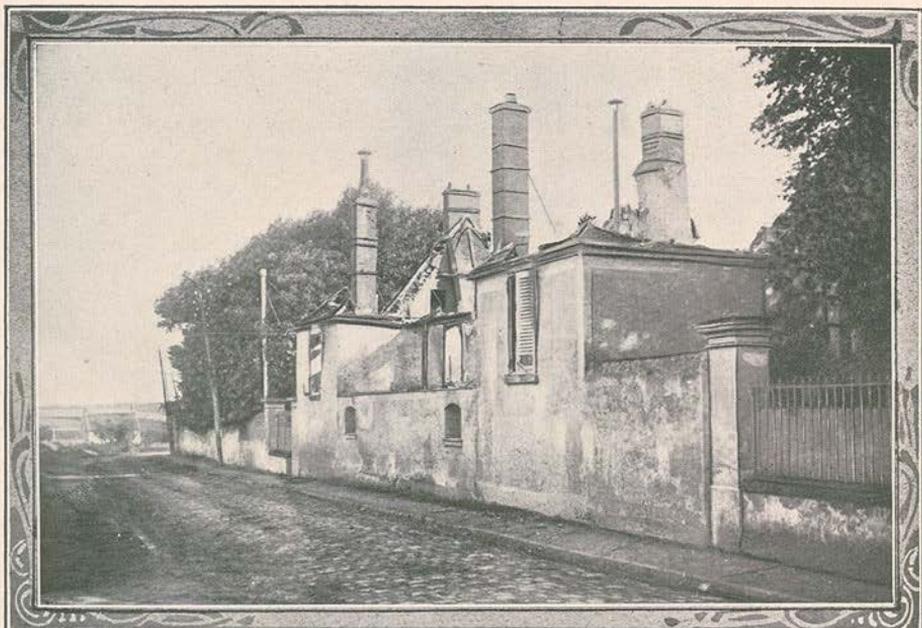
4. Obuzes que não explodiram, abandonados pelos alemães.—5. O que resta de uma gre de caminho de ferro depois da passagem dos alemães — («Clichés Flaviens»)



Inglêzes á volta de uma carga contra o inimigo



Contingente formado pelas tribus marroquinas para a guerra.—(«Cliché» Chusseau-Flaviens).



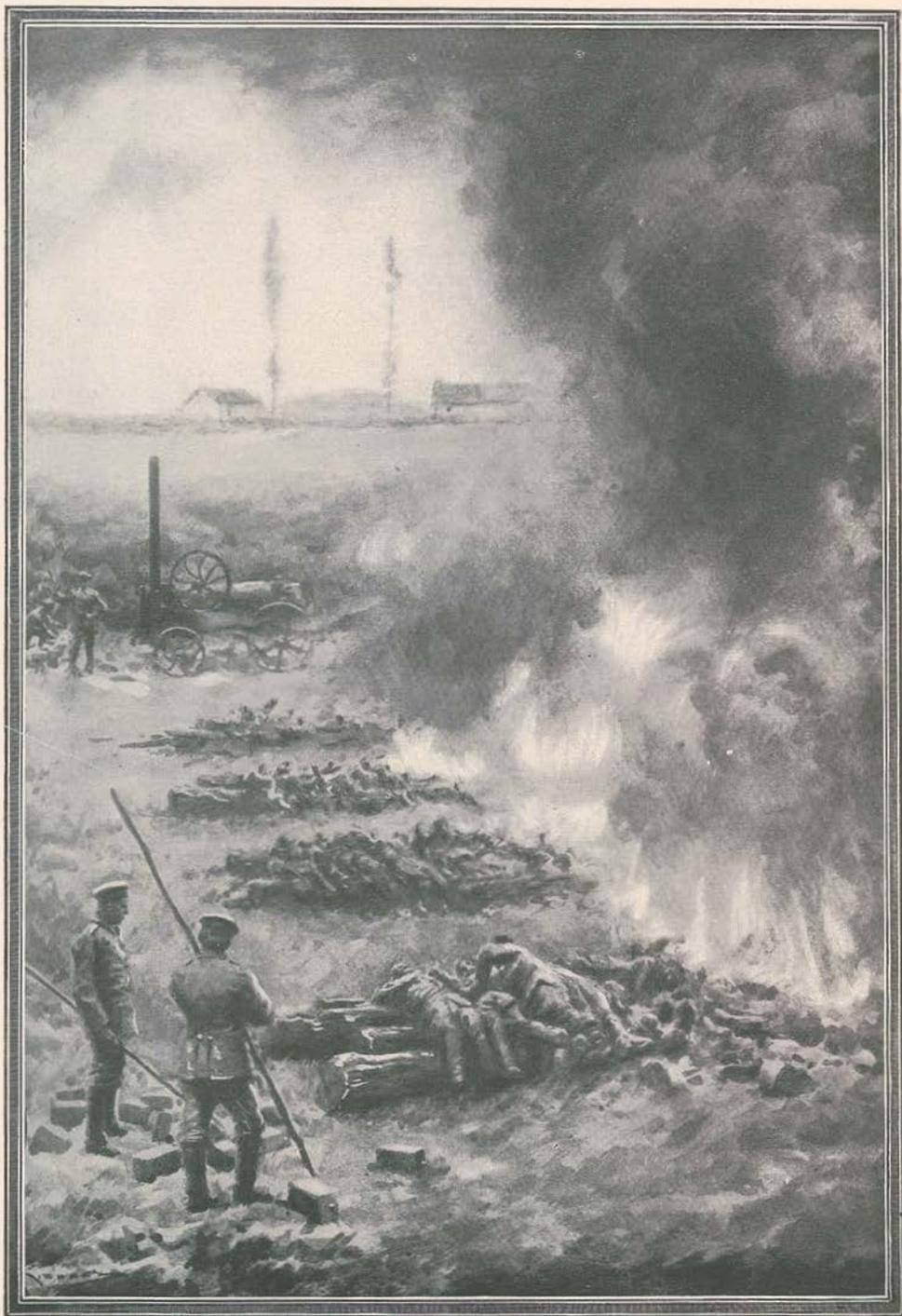
A casa do celebre compositor Magnard, em Barns, sob cujas ruínas ele ficou sepultado depois de fazer fogo sobre os uhlanos, que se vingaram, metralhando-a.



Em Par'is.—Pledosa concorrência de pessoas que vão visita: as sepulturas dos que morreram pela pátria—(•Clichés M. Branger)



Um regimento de infantaria belga r ocupando Termonde, reduzida a ruínas.—(«Cliché» M. Branger).



A queima dos cadáveres feita pelos alemães



A celfa do Katzer

A tourada em favor dos feridos



1. O lavrador sr. Antonio Luiz Lopes

Foi uma das mais interessantes d'este ano a tourada á antiga portugueza, promovida pelo «Seculo» em favor dos feridos da guerra. Raras vezes se reúnem elementos tão im-



2. Sr. Eduardo Segurado, director da praça do Campo Pequeno

portantes, quer pelo que respeita a artistas, quer aos animaes, quer ainda a todos os factores, desde o mais modesto ao mais graduado, que concorreram para a realiza-



10

Os lavradores srs.—3. José Palha Blanco—4.—Emilio Infante da Camara—5. Joaquim Mendes Nunco—6.

Lacerda Pinto Barreiros—9. Cavaeiro Rufino Pedro da Costa—10. Sr. Eduardo Augusto de Oliveira—



11

Alves do Rio—7. Alfredo Paulo de Carvalho—8. José 11. Alfredo Guedes, o talentoso desenhador do cartaz



12

12. Um dos belos e ricos coches do sr. Eduardo Augusto d'Oliveira, generosamente cedidos pelo mesmo senhor para tomarem parte no cortejo da tourada—(Cliché de Benolle).

ção de uma festa d'esta natureza. A empreza Lopes & Segurado não fez apenas todas as concessões que podia fazer e que ainda orçaram por mais de

trezentos e cudos; orientou e ajudou o mais possível a comissão nomeada pelo «Seculo» a des-

curso a uma tourada d'esta natureza que não o prestasse com uma prontidão e generosidade cativantes. Cerca de 6:000 pessoas de todas as classes



2. Cavaleiro Morgado de Covas

empenhar se satisfatoriamente do seu encargo. Os nossos primeiros lavradores concorreram com os seus creados e com os melhores touros que ainda podiam ter n'esta quadra, já pouco propria, os nossos mais festejados artistas de pé e de cavallo com o



3. Cavaleiro-amador Manuel Peres

boa tambem assistiram. O illustre chefe do Estado, que declarou á comissão os bons desejos de aceder ao seu convite, não pôde comparecer, porque o seu medico não o achou prudente. Foi o sr. dr. Bernardino Machado encarregado pelo sr. Presidente da



13. Bienvenida, o grande espada hespanhol

- 1. Cavaleiro José Benício de Araújo
- 4. Jorge Cadete
- 5. Manuel dos Santos
- 6. Tomaz da Rocha
- 7. Ribeiro Tomé



- 8. Custodio Domingos
- 9. João Froes
- 10. Da Iel do Nascimento
- 1. Leopoldo Alves
- 12. Paulo Massano



14. Luciano Moreira

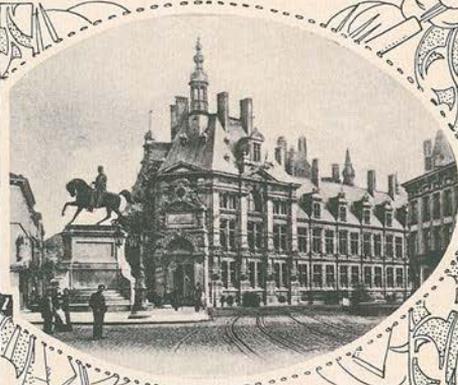
seu brilhante trabalho, proprietarios de trens, coches e automoveis, companhia dos electricos, « costumiers », bandas da guarda republicana e de marinha; emfim, não houve entidade das que prestam o seu con-



15. Rodovalho Duro (Zé Jaleco), diretor da corrida — 16. Sr. Vitor Manuel, que ofereceu todas as cabeleiras — 17. Sr. Anastacio Fernandes, que ofereceu o carro do bando para dois dias — 18. Sr. Fernando Ramos de Oliveira, que ofereceu os fatos para os charameleiros — 19. Sr. Castelo Branco, que ofereceu todo o restante guarda-roupa.

Republicado o representar, recebendo de toda a assistencia uma das mais calorosas manifestações de simpatia. A receita liquida da tourada foi de 2:398\$ escudos.

ANVERS



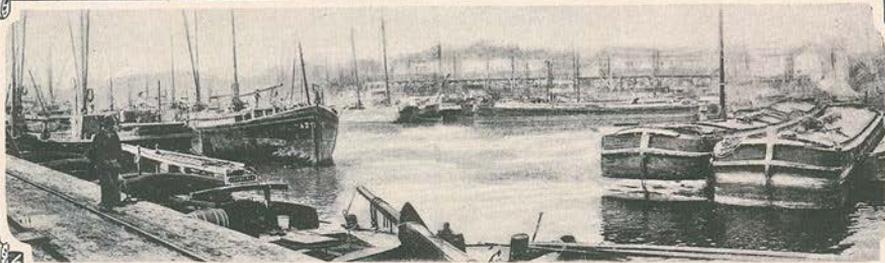
do facil aos navios de grande lotação darem n'ele a volta; mas uma dragagem cuidadosa e permanente tornam-no perfeitamente navegavel em toda a sua extensão para juzante.

A grande e formosa cidade belga caída em poder dos alemães não sofreu com a artilharia alemã, como as outras cidades d'aquêle valeroso paiz e algumas de França, onde tudo ficou lastimosamente arrasado.

Anvers (em flamengo Antuerpia), além de passar pela primeira cidade fortificada do Mundo, é um belo porto formado pelo Escalda, a 60 kilometros da sua foz. Em alguns pontos o rio é estreito, não sen-



1. A catedral.—2. O Banco Nacional.—3. A Câmara Municipal



4. Uma vista do porto

Foi imponente a festa realisada no dia 5 no salão dos Recreios Desportivos da Amadora a favor dos feridos na guerra. Os seus promotores, os srs. Santos Matos e Rodrigues Corrêa viram coroados do melhor exito os seus esforços, que foram compensados pelos muitos aplausos ouvidos durante a execução do programa da festa.

Todas as ovações feitas foram merecidas porque é áqueles dois benemeritos que se deve o engrandecimento d'aquella localidade.



Grupo de senhoras da Amadora que entraram na festa dos "Recreios Desportivos" d'aquella localidade para os feridos da guerra, tendo-se cantado varias canções populares sob a direcção do maestro David de Souza.

A explosão na fabrica do gaz

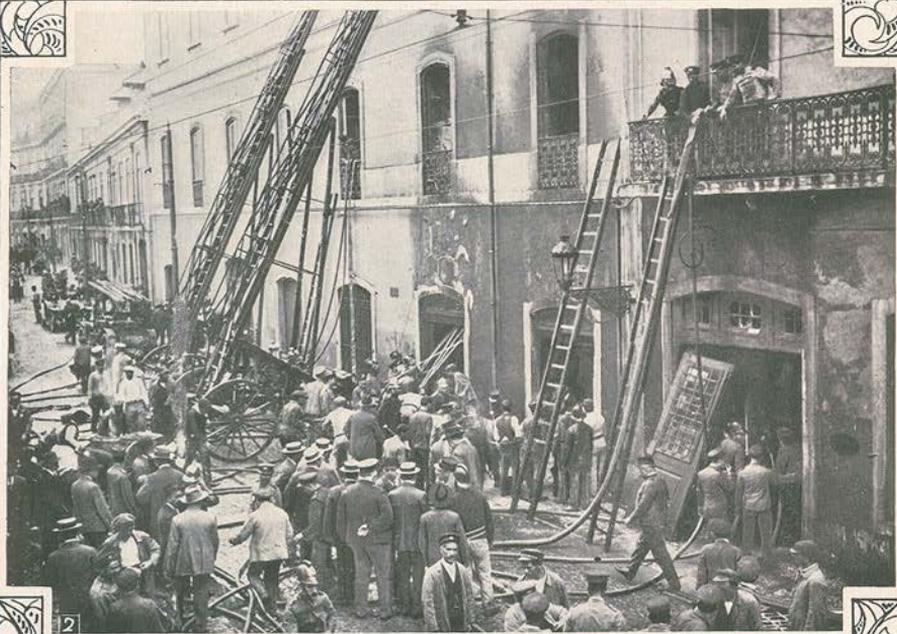
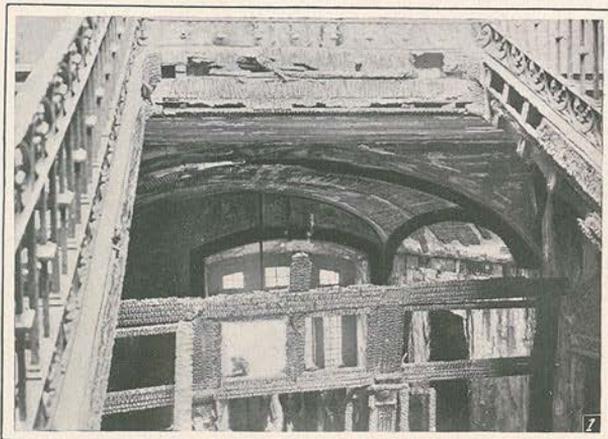
Na fabrica do gaz, ainda instalada imprevidentemente no seio de Lisboa, deu-se, devido a causas por enquanto ainda não averiguadas, uma formidável explosão. Foram numerosas as vítimas, ceifadas entre o pessoal da mesma fabrica, que se encontravam no interior do edificio, e entre os desocupados transeuntes e passageiros dos electricos que passavam defronte d'essa occasião.

Até ao momento de escrevermos ha 18 mortos. Alguns dos feridos, que se computam em 40, incluindo os não hospitalisa-

dos, talvez não resistam ás feridas, apesar dos carinhosos esforços que os medicos e todo o pessoal enfermeiro do hospital de S. José estão empregando, dia e noite, para atenuar as consequencias da terrivel catastrofe.

Ha muitos anos que Lisboa não é abalada tão dolorosamente. Não se descreve a commoção soffrida. Nos grandes centros industriaes estrangeiros, onde, na extraordinaria azafama, se chega a considerar

corrente a perda de vidas sacrificadas á industria, onde quasi todos os dias ha tremendos desastres, a



1. A esca a principal, que ficou completamente de truita—2. Na rua da Boa Vista: O local onde se deu a explosão—(Clichés de Benollet).

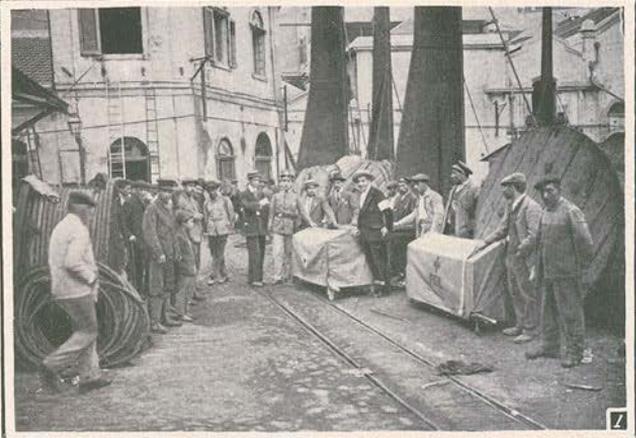
desgraça, que tanto emocionou Lisboa, talvez não tivesse produzido metade da impressão.

Mas aqui, n'este nosso reduzido meio, onde todos se conhecem e se estimam, onde a sorte dos que trabalham é objeto de justas precauções

e de rigorosas medidas officiaes, a perda desastrosa de 18 pessoas e a inutilização de muitas outras, não é facto que se esqueça tão cedo,

perigos não era preciso tão lastimoso os provar.

tanto pelo luto que se meou, como pelo desamparo em que ficaram tantas familias e ainda pelas providencias que se impõem hoje, como se impunham ha muito, de remover para longe do centro da cidade uma fabrica, cujos caso para

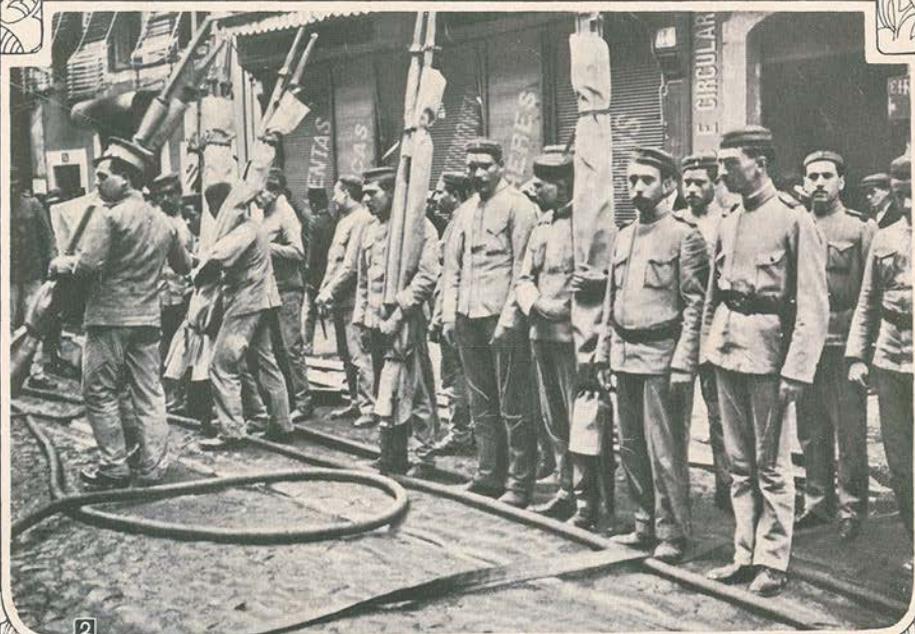


1. Macas para a condução de fer-dos e mortos junto ao gazometro—2. Na rua de S. Paulo: Condução de cadáveres para a Morgue—3. No hospital de S. José, enfermaria de Santo Alberto. O ferido Claudio Pinto—4. No hospital de S. José, enfermaria de Santo Alberto: Os feridos José Gregorio Fernandes, Manuel Joaquim Cruz e Nicolau Tavares—5. Na enfermaria de Santa Emilia: As feridas Maria Rosa e Alice da Concelção.

(«Clithés» de Benollet).



1. No local do sinistro: O sr. dr. Bernardino Machado acompanhado do comandante da policia sr. Camara Pestana e do sr. Abel Sebroza, vereador dos Incendios, falando com o sr. Adrião de Seixas, diretor da Com-



panha do Gaz—2. Os maqueiros do serviço de saúde—(«Clchês de Benoitel).

FIGURAS E FACTOS

O cardeal Ferrata, nomeado secretario geral pelo novo pontifice após a sua ascensão á cadeira de S. Pedro, pouco tempo occupou esse logar de destaque, falecendo no dia 10 do corrente. Domenico Ferrata nasceu em Gradoli a 4 de março de 1847, contando por isso 67 anos e meio. A sua morte foi sentidissima, pois havia muito a esperar da sua intelligencia no espinhoso cargo de que a morte o afastou tão inesperadamente.



O cardeal Ferrata, secretario de estado de Benedito XV, falecido ultimamente



O indigitado secretario de estado de Benedito XV, monsenhor Antonio Vico.

A' hora á que fechamos esta pagina indigita-se para secretario de estado do Vaticano monsenhor Antonio Vico, uma das figuras mais eminentes da Egreja.

Tambem estava indicado o cardeal Pietro Gasparri, não se sabendo todavia, qual dos dois accitaria tão alta honra.



foi elevado ao trono, na vaga deixada pela expulsão do principe Alexandre João.

Sucedeu-lhe um sobrinho o principe Fernando. As suas idéas politicas, muito aproximadas da Russia, parece que determinarão que a Romania enfilleire ao lado dos soldados d'aquella nação na luta, e, portanto, ao lado das nações aliadas.

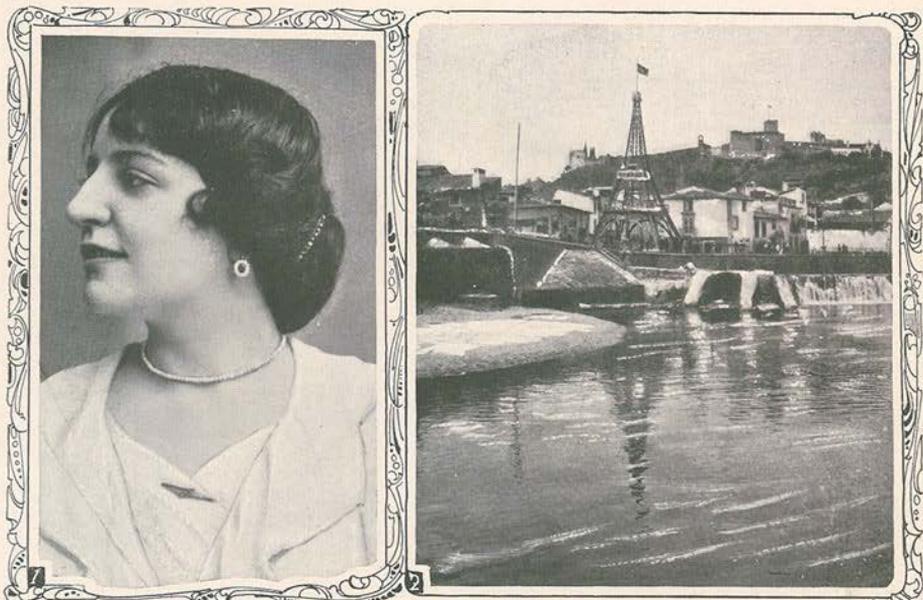
A Romania

No momento em que a Romania tinha que decidir-se a entrar no conflicto que se trava na Europa, faleceu inesperadamente no dia 10 o rei Carlos, mais conhecido pelo rei Carol.

Nasceu em 20 de abril de 1839 e em abril de 1866, quando ainda era simples alferes,



3. A rainha viuva da Romania, Isabel de Wied.—4. A nova rainha da Romania, Maria Saxe-Coburgo, com a farda do seu regimento.—5. O rei Carlos da Romania, falecido em 10 de Outubro.—6. O principe Fernando da Romania, sobrinho e successor do rei Carlos.



1. D. Emilia Rodrigues, distinta cantora portuguesa que ultimamente, e na sua estreia em publico, se revelou artista de raro merito.—2. Festa dos Taboieiros em Tomar. Torre Eiffel em madeira colocada no cruzamento das ruas Serpa Pinto, Everard, Avenida e ponte, illuminada á noite a luz electrica, tem 20^m,0 de altura. — («Cliche» de J. T. Pinheiro).



Pinhel.— Grupo de reputados caçadores que vieram a esta região caçar e onde permaneceram durante muitos dias.— 1. Amancio Preto, 2. Luiz Brandão de Melo, 3. Fotografista Serafim Moreira, 4. Pedro Brandão de Melo, 5. O distinto caçador Abel Tavares de Pinhel, 6. Arnaldo Metelo, 7. Anízio Soares, 8. Ator Mascarenhas.—(Fotografia tirada próximo á fronteira hespanhola).

**CIGARROS
DE ABYSSINIA**

EXIBARD

Sem Opio nem Morphina.

Muito efficazes contra a

ASTHMA

Catarrho — Oppressão
e todas affecções espasmodicas
das vias respiratorias.

35 Anos de Bom Exitto. *Estilhas Duro e Prata.*

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
6, Rue Cambodge, 6
PARIS
E BOAS PHARMACIAS

O Seculo Agricola

SEMANARIO ILUSTRADO
de ensino pratico de agricultura, Jar-
dinagem, creação de animaes, etc.

PREÇO, 20 réis CADA NUMERO

Resposta a consultas: prestação de
serviços tecnicos; analyses e informa-
ções

Por assinatura: Trimestre, 25 centavos

**A MAIS BARATA PUBLI-
CAÇÃO DO GENERO**

PARA ENGADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Estão á venda bonitas capas em
percalline de fantasia para encader-
nar o primeiro semestres de 1914 da
"Ilustração portugueza". Desenho no-
vo de ottimo effeito.

PREÇO: 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, ca-
pas para os semestres anteriores. En-
viam-se para qualquer ponto a quem
se requisitar. A importancia pôde ser
remetida em vale do co réis ou seios
em carta registada. Cada capa va-
acompanhada do indice e frontespí-
cio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO "SEculo"

Rua do Seculo, 43 - LISBOA

PRISÃO DE VENTRE

O unico remedio prescripto por todos os medicos
para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias*
é a **CASCARINE LEPRINCE** (uma ou duas pilulas
de tarde ao jantar).

Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pilula.

Le Chevalier d'Orsay

Este perfume se harmoniza com o aroma do charuto

D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS

Trabalhos de Zincogravura, Fotogravura, Stereotipia, Impressão

Zincogravura

e *Photogravura*

Em zinco simples de 1.^a qua-
lidade, cobreado ou nickelado

Em cobre.

côres, pelo mais recente
processo — o de trichromia.

Para jornaes com tramas
especies para este genero
de trabalhos.

— e Composição —

FAZEM-SE NAS

OFFICINAS

— DA —

**Ilustração
Portugueza**

Estas á disposição do publico.
executando todos os trabalho-
que lhe são concernentes, por
preços modicos e com inexe-
divel perfeição

Stereotipia

De toda a especie de com-
posição

Impressão

e *composição*

De revistas, illustrações
e jornaes diarios da tarde
ou da noite

OFFICINAS DA **Ilustração Portuguesa** R. DO SECULO, 43

Phospho-Nourishing

A MAIS NUTRITIVA DE TODAS AS FARINHAS

Recomenda-se pela sua assimilação e fosfatos
Analisada pelo eminente chimico dr. HUGO MASTBAUM

Humidade		7,292
Gordura		1,16
Substancia azotada (Azote 0,442)		2,75
Lenhoso		0,35
Sacharose		50,08
Fécula e outras substancias ternarias		35,23
Substancias mineraes		3,14
Acido phosphorico	1,532	100,00
Potassa	0,167	

Apreciação:

Em face da composição o «PHOSPHO-NOURISHING» — Marca Pomba — deve ser considerado como elemento de elevado valor nutritivo e facil assimilação, especialmente notavel pela sua alta percentagem em phosphatos.

Lisboa, 14 de Agosto de 1912.

(a) **Dr. Hugo Mastbaum**

Apezar da guerra continuamos a vender cada lata pelo preço limitadissimo de 40 cen.avo: (400 réis).

**A' venda em todos os estabelecimentos
de generos alimenticios**

DEPOSITARIOS GERAES:

Fernandes & Netto

Largo de S. Julião, n.º 12, 1.º, d.º — LISBOA

Telefone 246

Agentes depositarios no Porto:

Dourado, Carvalho, Irmãos, Ltd.

Praça da Liberdade, 133, 1.º